

**CHAPEUZINHO VERMELHO SOB O OLHAR DO ENSINO DE CIÊNCIAS:
CONTRIBUIÇÕES PARA A ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA****Me. Eduarda Tais Breunig**  0000-0002-6249-3790**Dra. Luciana Richter**  0000-0001-6920-3226**Dra. Andréa Inês Goldschmidt**  0000-0001-8263-7539

Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO: A alfabetização científica nos anos iniciais auxilia o aluno a compreender melhor o mundo podendo ser inserida em ambiente educativo por meio da literatura infantil. O objetivo desta pesquisa foi identificar indicadores de Alfabetização Científica nas falas de crianças nas rodas de conversas relacionadas à contação da história da Chapeuzinho Vermelho e investigar o estereótipo do personagem lobo. O estudo é de abordagem qualitativa com enfoque na pesquisa exploratória, estudo de caso, e classificação dos indicadores de Alfabetização Científica. Os resultados demonstraram que as crianças apresentam concepções relacionadas ao personagem lobo fortemente influenciadas pela história da Chapeuzinho Vermelho. Ademais fazem distinção entre o mundo fictício e o real, embora a maioria não separa o animal lobo do personagem, caracterizando todos como perigosos. Como indicadores de alfabetização científica é possível perceber que elas misturam nas falas o mundo real e o imaginário e os estereótipos interferem em seus argumentos explicativos e justificativas sobre comparar o lobo personagem com o lobo animal. Dessa forma, o professor pode valer-se dessas discussões em sala de aula no sentido de promover a conscientização e a valorização de animais da fauna oportunizando a alfabetização científica.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização científica; Anos iniciais; Literatura infantil.

**LITTLE RED HOOD UNDER THE LOOK OF SCIENCE TEACHING:
CONTRIBUTIONS TO SCIENTIFIC LITERACY**

ABSTRACT: Scientific literacy in the early years helps students to better understand the world, and can be inserted into the educational environment through children's literature. The objective of this research was to identify indicators of Scientific Literacy in the speeches of children in conversation circles related to the telling of the story of Little Red Riding Hood and to investigate the stereotype of the wolf character. The study has a qualitative approach focusing on exploratory research, case study, and classification of Scientific Literacy indicators. The results revealed that children present conceptions related to the wolf character that are strongly influenced by the story of Little Red Riding Hood. Furthermore, they make a distinction between the fictional world and the real one, although the majority do not separate the wolf animal from the character, characterizing them all as dangerous. As indicators of scientific literacy, it is possible to notice that they mix the real and imaginary worlds in their speeches and stereotypes interfere in their explanatory and justifying arguments about comparing the character wolf with the animal wolf. In this way, the teacher can use this discussion in the classroom to promote awareness and appreciation of fauna animals, providing scientific literacy.

KEYWORDS: Scientific literacy; Early Years; Children's literature.



1 INTRODUÇÃO

O contato com a Literatura Infantil, especialmente com os contos clássicos infantis, permite ao leitor conhecer personagens que sobrevivem no decorrer dos anos. E, dentre esses, alguns se destacam: princesas, príncipes, chapeuzinho, bruxas, lobos e outros animais. São esses que habitam, também com muita frequência, histórias contemporâneas e continuam atraindo a atenção das crianças (Zambon, 2009).

Uma característica marcante dos clássicos infantis é o despertar da imaginação, pois os mesmos, oferecem a criança novas dimensões à imaginação, as quais elas provavelmente não poderiam descobrir verdadeiramente por si só. Além disso, a forma e estrutura das histórias sugerem imagens às crianças com as quais elas podem estruturar seus devaneios, e com eles dar melhor direção às suas vidas, já que aprendem a lidar com seus dilemas e criam um sentimento de individualidade e de autovalorização (Bettelheim, 2002).

Antogla (2014) afirma que além de desempenharem a importante função de incentivar a leitura na infância, os livros de literatura infantil constituem-se como materiais que podem contribuir com os processos de ensino e de aprendizagem em diferentes áreas do conhecimento. Portanto, tal recurso também é um meio de informação e formação (Antogla, 2014). Assim, sem desconsiderar as peculiaridades desta literatura que estabelece de forma lúdica uma ponte entre o mundo, a imaginação, a criatividade e a fantasia, deve-se investigar e explorar seu aspecto pedagógico sob um olhar cuidadoso.

Para Zambon (2009), as razões do sucesso dos clássicos infantis reside justamente no fato de falarem a linguagem emocional em que se encontra a criança. Os personagens de livros infantis são mostrados como puros e apresentam personalidade única, ou são bons, ou são maus. Esta visão unilateral nutre a mente



das crianças. “As figuras nos contos infantis não são ambivalentes; ou seja, não são boas e más ao mesmo tempo, como somos todos na realidade” (Bettelheim, 2002, p. 10).

Segundo Zambon (2009), esse contexto pressupõe uma realidade de que todos os heróis são sempre bons, todas as heroínas são lindas, loiras, brancas, não sentem dor, não têm explosões de raiva, não acordam com dores de cabeça, enfim, não são reais. Ou ainda, no caso de animais, a apresentação do lobo mau como um elemento muito perigoso, um vilão, devorador, amedrontador, vencido pelo caçador e morto ao final da história (Silva, 2015). Assim, a criança constrói estereótipos em que baseia sua visão de mundo, o que pode gerar dificuldades em lidar com a realidade, tendo em vista que a criança já tem uma concepção e pode passar a discriminar o que foge a esses conceitos pré-estabelecidos (Zambon, 2009).

Para Amaral (1998, p.18), “o estereótipo é a concretização/personificação do preconceito. Cria-se um “tipo” fixo e imutável que caracterizará o objeto em questão”. Desta forma deve-se lançar um olhar diferente à procura de novas possibilidades de leituras que trabalhem com o mundo da imaginação, porém desconstruindo as imagens estereotipadas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O Ensino de Ciências, assim como as demais áreas do conhecimento, no Ensino Fundamental, tem nos clássicos infantis um recurso acessível a todo e qualquer professor, sendo apreciados pela maioria, senão todas as crianças. E, por meio deles, é possível explorar todas as distintas áreas, inclusive a Ciência, favorecendo uma Alfabetização Científica (Breunig, 2020).

Mondek, Rocha e Lima (2019, p. 187) afirmam que “são notórias as contribuições que a literatura infantil traz para o Ensino de Ciência, visto que a mesma pode contribuir para a formação de leitores críticos, construção da cidadania e o repensar de atitudes”.



A Ciência presente nos contos infantis nem sempre está exposta de maneira explícita; contudo, se tivermos um olhar mais direcionado a ela, vamos perceber que a mesma se faz presente em muitos deles. No entanto, o que se observa é uma valorização apenas para a moral da história, tornando os demais aspectos, incluindo os relativos à Ciência, desfocados dos objetivos de estudo.

Com isso cabe ao professor compreender a importância em despertar nos alunos esse interesse pela Ciência. No entanto, para isso ser trabalhado de fato, é necessário que o professor dos anos iniciais consiga identificar essas possibilidades de introdução à Alfabetização Científica pelo uso dos clássicos infantis, percebendo suas potencialidades e possíveis estereótipos que também possam ser trabalhados.

Nesse sentido, vamos recordar aqui alguns clássicos da literatura infantil como a Branca de Neve, João e o Pé de Feijão, Chapeuzinho Vermelho e os Três Porquinhos, no intuito de refletir sobre alguns aspectos da ciência que podem ser identificados nos mesmos. No conto da Branca de Neve, por exemplo, há um enfoque sobre a maçã envenenada. Com base nisso, é possível explorar a contaminação biológica, o uso de defensivos agrícolas, assim como seus benefícios e malefícios para a sociedade e para o meio ambiente. Já em João e o Pé de Feijão é possível trabalhar sobre a germinação, todo o desenvolvimento da planta, por meio experimentos para semeadura e germinação do feijão em recipientes transparentes para que os alunos possam acompanhar o desenvolvimento da planta e ainda registrar as mudanças que a planta sofre a cada dia em um diário de anotações (Breunig, 2020).

Diante deste enfoque, Breunig (2020) destaca que os professores necessitam tornar essa Ciência mais explícita às crianças, precisam intermediar discussões e atividades posteriores à contação, no intuito de somar informações e conhecimentos as mesmas, no intuito de alfabetizá-las cientificamente.

A Alfabetização Científica contribui para o desenvolvimento de um conjunto de habilidades, dentre elas a argumentação, proporcionando a criança um olhar curioso



e interrogativo para com o seu cotidiano. Quando nos referirmos à Alfabetização Científica, compartilhamos das ideias de Attico Chassot (2003), o qual afirma que a Ciência é uma linguagem e o indivíduo que é alfabetizado cientificamente tem a capacidade de lê-la, linguagem esta que a natureza está escrita, assim, um analfabeto científico é aquele que é incapaz de fazer uma leitura do universo.

Assim, quando trabalhadas propostas que visam oportunizar a Alfabetização Científica em sala de aula, muitas vezes fica difícil sabermos se de fato os alunos estão aprendendo algo, e pensando nisso uma alternativa válida, são os indicadores da alfabetização, os quais de acordo com Sasseron e Carvalho (2008, p. 338):

Têm a função de nos mostrar algumas destrezas que devem ser trabalhadas quando se deseja colocar a AC em processo de construção entre os alunos. Estes indicadores são algumas competências próprias das ciências e do fazer científico: competências comuns desenvolvidas e utilizadas para a resolução, discussão e divulgação de problemas em quaisquer das Ciências quando se dá a busca por relações entre o que se vê do problema investigado e as construções mentais que levem ao entendimento dele.

Sasseron e Carvalho (2008) classificam os indicadores da Alfabetização Científica (AC) em três grupos, cada um com suas respectivas subdivisões como pode ser observado no quadro abaixo.

Quadro 1: Grupos de indicadores da Alfabetização Científica propostos por Sasseron e Carvalho (2008)

Indicadores da Alfabetização Científica	
Primeiro grupo: busca organizar, classificar e seriar dados obtidos, e está classificado em três subdivisões.	1) Seriação de informações: pode ser um rol de dados, uma lista de dados trabalhados.
	2) Organização das informações: ocorre nos momentos em que se discute sobre o modo como um trabalho foi realizado.
	3) Classificação das informações: ocorre quando se busca conferir hierarquia às informações obtidas.
Segundo grupo: está relacionado a estruturação do pensamento e possui duas subdivisões.	1) Raciocínio lógico: modo como as ideias são desenvolvidas e apresentadas.
	2) Raciocínio proporcional: demonstra como se estrutura o pensamento, e refere-se também à maneira como variáveis têm relações entre si.



Terceiro grupo: está relacionado ao entendimento da situação analisada, e possui cinco subdivisões.	1) Levantamento de hipótese: aponta instantes em que são alçadas suposições acerca de certo tema.
	2) Teste de hipótese: concerne nas etapas em que se coloca à prova as suposições anteriormente levantadas.
	3) Justificativa: aparece quando em uma afirmação qualquer proferida lança mão de uma garantia para o que é proposto;
	4) Previsão: é explicitado quando se afirma uma ação e/ou fenômeno que sucede associado a certos acontecimentos.
	5) Explicação: surge quando se busca relacionar informações e hipóteses já levantadas.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

As autoras ainda explicam que a presença de um indicador não inviabiliza a presença de outro; ou seja, em uma mesma resposta pode haver a presença de mais de um indicador. Com isso, por meio da utilização dos indicadores é possível perceber algumas habilidades e destrezas que se fazem presentes quando o processo de construção da AC está acontecendo.

Esses três grupos de indicadores da alfabetização científica com suas respectivas subdivisões têm como função orientar o professor no sentido de reconhecer quais habilidades científicas ele está desenvolvendo por meio da sua prática docente. As autoras afirmam que estes indicadores consistem em competências próprias da Ciência e do fazer científico, competências comuns desenvolvidas e utilizadas para a resolução, discussão e divulgação de problemas. Elas afirmam que o Ensino de Ciências deve ocorrer por meio de atividades abertas e investigativas nas quais os alunos desempenhem o papel de pesquisadores (Sasseron; Carvalho, 2011).

O foco desta pesquisa, é identificar indicadores de Alfabetização Científica nas falas de crianças nas rodas de conversas relacionadas à contação da história da Chapeuzinho Vermelho e investigar como as implicações sobre o estereótipo do personagem lobo pode interferir neste processo.



3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

A metodologia utilizada possui abordagem qualitativa (Bogdan; Biklen, 2010) tipificando-se como um estudo de caso em que buscou-se aprofundar conhecimentos que dizem respeito ao fenômeno estudado (Gil, 2002).

Escolhemos uma história clássica que está entre as primeiras contadas na infância, Chapeuzinho Vermelho. Essa história foi escolhida, por apresentar o personagem animal lobo. Embora não tenhamos na fauna brasileira o mesmo lobo retratado na história infantil, que se aproxima das características dos lobos do Hemisfério Norte, há na fauna brasileira a presença de uma espécie de lobo, também na família dos Canídeos, mas com características distintas e conhecido como lobo-guará.

Este animal escolhido, por meio das histórias infantis, perdura no senso comum, como figura estereotipada, com adjetivos advindos como “mau” ou “vilão”.

O clássico personagem lobo, popularmente conhecido como “lobo mau”, já apresenta sua identidade corrompida, seu nome já o caracteriza como mau e é assim que ele é reconhecido.

No entanto, ao oportunizar trabalhar o personagem lobo, por exemplo, o professor pode contribuir com inúmeros conhecimentos biológicos, trabalhando o número de espécies, seu hábitat, alimentação, enfim, todo seu nicho ecológico. Além disso, um enfoque sobre o lobo presente aqui na fauna brasileira, em especial do nosso estado Rio Grande do Sul, também é interessante. O lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), por exemplo, faz parte dela, e traz muitos benefícios à natureza. Ele é onívoro, seu alimento predileto é o fruto da lobeira, o qual ele o devolve para a natureza por meio da semente que elimina em suas fezes, garantindo assim, a propagação da espécie.



O lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) é o maior canídeo selvagem da América do Sul, habita a quase totalidade do território brasileiro, apresenta coloração avermelhada em sua pelagem, tendo parte da face, bem como o dorso e extremidades dos longos membros, de coloração escura. Seus membros pélvicos são mais longos que os torácicos, o que lhe dá um certo aspecto desajeitado. Trata-se de animal de hábitos solitários e furtivos e sua alimentação consiste desde roedores, aves, ovos, répteis e insetos, até frutas, cana-de-açúcar e mel. A preocupação com a sua preservação tem merecido a atenção de numerosos pesquisadores, que vêm se detendo ao estudo dos seus hábitos e exigências territoriais (Machado; Fonseca; Neves, 2002, p. 107).

Por meio desse enfoque do lobo nas ciências, podemos enquanto professores promover a Alfabetização Científica, demonstrando que o lobo é importantíssimo para a natureza.

A coleta de dados foi organizada em dois momentos. O primeiro, a contação da história, mas de forma compartilhada com os alunos. Esta atividade foi desenvolvida em três turmas de segundo ano, em três escolas distintas, todas públicas, no município de Tenente Portela, RS, totalizando 44 alunos.

Os alunos, em sala de aula, com o consentimento e a presença da professora responsável por cada turma, foram convidados a sentarem-se em um círculo, dispostos no chão da sala. Explicamos aos alunos que contaríamos uma história em conjunto com eles; ou seja, de forma compartilhada. Todos que soubessem como continuava a história, deveriam dar sequência a mesma, após a breve introdução. O intuito, não era a história ser contada pelo professor, mas sim ser narrada por eles, para justamente poder ouvir deles, a história que conheciam. A história contada pelos alunos foi gravada em áudio pelo celular e posteriormente transcrita para a análise.

Cada aluno contava um pedacinho da história e passava a vez para o próximo colega. Se algum participante não soubesse continuar, ele passava a vez para o próximo colega. Após a contação, aplicamos um questionário oral, contendo 8 perguntas a respeito da história e do personagem lobo. Essa conversa foi gravada e transcrita para posterior análise e identificação dos possíveis indicadores de



Alfabetização Científica de Sasseron e Carvalho (2008). A contação da história e o questionário oral a partir da conversação levou em cada turma cerca de uma hora.

Reconhecer o potencial das histórias infantis na Alfabetização Científica pode ser um dos caminhos para se propor atividades junto aos anos iniciais. Desta forma, buscou-se identificar se nas respostas das crianças durante a roda de conversa, os indicadores de Alfabetização Científica propostos pelas autoras Lúcia Helena Sasseron e Anna Maria Pessoa de Carvalho estariam presentes.

Assim como essas autoras, acreditamos ser de extrema relevância que as crianças tenham contato e conhecimento de habilidades legitimamente associadas à Ciência, já nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Essas habilidades devem cooperar em nossas observações e análise de episódios em sala de aula para elucidar o modo como um aluno reage e age quando se depara com algum problema durante as discussões. A partir disso, surgem os indicadores da alfabetização científica, que tem como função reconhecer se essas habilidades estão sendo desenvolvidas nos alunos em sala de aula (Sasseron; Carvalho, 2008). Utilizaremos a classificação dos indicadores, sinalizados por Sasseron e Carvalho (2008), que dividem em três diferentes, cada qual com suas respectivas subdivisões conforme o quadro abaixo:

Quadro 2: Representação dos três grupos de indicadores da alfabetização científica propostos por Sasseron e Carvalho (2008)

Grupo 1- busca organizar, classificar e seriar dados obtidos <ul style="list-style-type: none">• Seriação de informações (rol/lista de dados);• Organização das informações;• Classificação das informações;
Grupo 2- estruturação do pensamento <ul style="list-style-type: none">• Raciocínio lógico;• Raciocínio proporcional.
Grupo 3- entendimento da situação analisada <ul style="list-style-type: none">• Levantamento de hipótese;• Teste de hipótese;• Justificativa;• Previsão;• Explicação.

Fonte: Elaborado pelas autoras.



4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas três turmas pesquisadas, os alunos contaram a versão clássica da história da Chapeuzinho Vermelho, revelando um lobo mau e cruel. Ou seja, para a história da Chapeuzinho Vermelho verificamos que nos relatos, Chapeuzinho foi levar os doces para a vovó pela floresta, quando foi surpreendida pelo lobo, que devorou a vovó e foi morto pelo caçador. Essa versão clássica é a mais conhecida e foi lembrada pelas crianças, mostrando uma versão, com um final um tanto quanto “sangrento”. E mesmo apresentando outros finais, todos foram trágicos para o lobo, que ainda assim era um vilão.

Ao analisar as transcrições, tendo como base os três grupos de indicadores, observamos, ainda que de forma preliminar, que alguns indicadores do segundo e do terceiro grupo estiveram presentes nas respostas dos alunos. Esses, podem justamente ser os impulsionadores das propostas metodológicas para atuação dos docentes.

Encontramos a presença de 3 indicadores do terceiro grupo. Nesse, o Indicador de Justificativa, que aparece quando uma afirmação qualquer proferida lança mão de uma garantia para o que é proposto; isso faz com que a afirmação ganhe aval se tornando mais segura; e o Indicador de Explicação, que surge quando se busca relacionar informações e hipóteses já levantadas. Normalmente a explicação sucede uma justificativa para o problema, mas é possível encontrar explicações em que não se recebem estas garantias. Mostram-se, pois, explicações ainda em fase de construção que certamente receberão maior autenticidade ao longo das discussões (Sasseron; Carvalho, 2008).

A presença de poucos indicadores pode ser explicada pelo fato da ação prática consistir em perguntas mais objetivas referentes ao personagem lobo e não envolver diretamente uma situação problema que exija um raciocínio lógico maior. Os alunos responderam baseados nos argumentos conhecidos, ou seja, na própria história e



alguns conhecimentos prévios. Os indicadores propostos pelas autoras, como já mencionados, levam em conta principalmente a resolução de atividades abertas e investigativas, as quais devem fazer parte do Ensino de Ciências. Todavia, não utilizamos uma atividade mais investigativa nesse momento, por conta de nosso objetivo ser outro, analisar inicialmente as construções associadas a história, para a partir dela, pensar em propostas e estratégias de ensino associadas a estes resultados.

Nas perguntas mais objetivas realizadas: Você conhece o lobo? Como ele é? Não foi possível utilizarmos os indicadores da alfabetização científica, uma vez que as respostas para essas perguntas consistem apenas em sim ou não, e no caso da segunda pergunta os alunos apenas citaram as espécies que conhecem. Para uma melhor apresentação dos resultados optamos por organizá-los em um quadro (Quadro 3). A fala do professor pesquisador é abreviada com um “P” e as falas dos alunos com “A1, A2...”.

Quadro 3: Indicadores da alfabetização científica encontrados na roda de contação de história

Pergunta realizada na roda de contação	Respostas dos participantes	Indicador de alfabetização científica encontrado
P: Quem é o lobo?	A3: ele come porquinho; A5: o lobo é carnívoro;	Previsão
	A4: o lobo mau ele só era um lobo faminto, mas por conta do nome dele que era a única coisa que ele não conseguia disfarçar, então todo mundo já sabia, no filme ele era o lobo mais perigoso da região, aí o caçador prendeu ele no final. O lobo era bonzinho só que ele ficou faminto, aí ele pensou bem e virou do mau. Ele era um lobo do bem daí ele virou mau.	Explicação
	A10: o lobo mau é carnívoro;	Previsão
P: O lobo é bom ou mau?	A3: “mau o da história porque come e caça, e o da vida real pode ser bom ou mau (se provocar ele) se encontrar um lobo tem que ficar parado senão ele nos ataca por movimento”.	Explicação e Justificativa
P: O lobo da história é o mesmo lobo da vida real?	A4: e também sabe porque não prof, porque o lobo consegue fazer um monte de coisa e na história ele quer pegar a chapeuzinho. Estas coisas não são verdades. Na vida real ele nem come nem porcos, ele come tipo, carne	Justificativa



	podre, bichos, lagarto, cobra, quem come porco são os humanos...	
	A7: porque os dentes dos lobos nas histórias são mais pequenos que o normal.	Previsão
	A9: não! Porque o lobo da história é bípede, tem duas patas e o outro não!	Previsão
P: Existem lobos nas matas?	A4: “os lobos existem na floresta para proteger a floresta dos humanos para não derrubar as árvores”;	Justificativa
	A5: “existe porque lá tem água pra eles beber e comida”;	Justificativa
	A6: “sim, porque foram criados lá e o lugar de viver deles é lá”.	Justificativa
P: O lobo existe na cidade?	A7: “não, porque na cidade não tem animais para eles comer”;	Justificativa
	A8: “não porque ele gosta de viver na mata e pode comer nós, é carnívoro”;	Justificativa
P: O lobo é importante na natureza?	A1: “eu acho que ele é importante porque ele é um animal e se não tivesse o lobo na natureza não ia existir o ciclo da vida, só ia ter bichos herbívoros aí ia acabar o mato e eles iam morrer”.	Explicação e Justificativa
	A2: “é, porque é carnívoro e não tem muitos animais que são iguais a eles, então a natureza ia acabar e não ia mais ter bichos”.	Explicação e Justificativa

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Quando os alunos foram questionados na roda de conversa se o lobo é bom ou mau, observamos respostas como: “A3: mau o da história sempre come e caça e o da vida real pode ser bom ou mau (se provocar ele) se encontrar um lobo tem que ficar parado senão ele nos ataca por movimento”. Acreditamos que o indicador de explicação e justificativa se fez presente nessa resposta, pois ao mesmo tempo em que o participante explica o porquê ele pode ser bom ou mau, ele justifica sua resposta por meio dos fatos afirmando que o lobo personagem é mau, porque come e ataca caso seja provocado por meio de movimentos.

Felipe (2007) discorre sobre a origem desse lobo mau. Segundo o autor, na Europa Ocidental, aproximadamente no ano 1000, a cobertura vegetal era composta por carvalhos, tílias, olmos, entre outros, ou seja, totalmente diferente da atual. Regiões com vegetações eram utilizadas como abrigo para as forças inimigas. As



matas pareciam estar contra os atacados e a favor dos atacantes. Assim, desencadeou-se um sentimento de medo profundo principalmente entre os anglos e depois anglo-saxões a tudo que estava relacionado com florestas, já que estas eram abrigo para bandidos. Nessas matas havia lobos e outros animais, como ursos e cervos, vivendo na inter-relação ditada pela natureza, a harmonia foi desfeita: o urso, por ser principalmente frugívoro (vive de frutas silvestres, mel etc) diminuiu sensivelmente e extinguiu-se séculos depois, sendo também apontado como um dos motivos de sua extinção o fato de não viver em bando. O lobo, essencialmente carnívoro e vivendo em alcateia progrediu e superou a falta das florestas onde caçava cervos. As florestas foram substituídas por campos onde pastavam ovelhas; trazendo a “comida” para perto. O lobo as matava para alimentar-se; tornando-se um animal oportunista e com isso também um vilão.

Ainda, nesta explicação o lobo foi visto como perigoso para humanos, pois pode “atacar ao movimento” o que nos demonstra que algumas crianças apresentam sentimento de medo frente àquilo que é definido como incompreendido, perigoso, como por exemplo, o fato do lobo ser mau por ser um predador. Segundo Oliveira, Figueiredo e Tullio (2016, p. 43): “a mediação educativa nesse processo é fundamental para que esse sentimento se transforme em admiração e respeito diante do poder e exuberância da natureza”. Cabe ao professor trabalhar esses conceitos e elaborarmos atividades que desmistifiquem símbolos, mitos e estereótipos fixados no senso comum.

Inclusive na fala do A4 sobre quem é o lobo, o estudante demonstra essa compreensão da necessidade biológica para alimentação. É necessário o professor trabalhar estes conceitos vinculados a importância também da predação, que segundo Melgaço (2015) deve ser interpretada não como um ato de maldade e sim de sobrevivência.

Ao serem indagados sobre o lobo da história ser o mesmo lobo da vida real na roda de contação da Chapeuzinho Vermelho, todos os participantes afirmaram que



não e apontaram características físicas para diferenciarem. Também justificaram a respeito de serem bípedes, enquanto que os animais de verdade andam em quatro patas.

Aristóteles, filósofo grego que viveu de 385 até 322 a.C., referia-se aos humanos como “bípedes sem asas” e ao ato de andar ereto como “o mais básico de todos os hábitos”, sobretudo para contrastá-lo com aspectos nobres da singularidade humana, como a moral e a virtude (Varise *et al.*, 2009, p. 247).

Sendo assim, o bipedalismo consiste em uma característica exclusiva da espécie humana e isso deve ficar claro para os alunos, uma vez que personagens como o lobo podem apresentar-se como bípedes e causar confusão nesse sentido.

Uma resposta que chamou a atenção pelo seu entendimento foi “A4: e também sabe porque não prof, porque o lobo consegue fazer um monte de coisa e na história ele quer pegar a chapeuzinho. Estas coisas não são verdades. Na vida real ele nem come nem porcos, ele come tipo, carne podre, bichos, lagarto, cobra, quem come porco são os humanos [...]”. Essa resposta nos surpreendeu pela segurança e conhecimento com que o aluno a afirmou, além dele conseguir diferenciar o lobo real do fictício, também compreende que faz parte do instinto do lobo algumas atitudes que ele possa apresentar. Esse participante conseguiu perceber que nós seres humanos somos predadores, quando afirma que quem come porco somos nós e não o lobo.

Quando os alunos foram questionados na roda de conversa sobre o lobo ser importante na natureza, foi possível identificar a presença dos indicadores de explicação e justificativa nas seguintes respostas: “A1: eu acho que ele é importante porque ele é um animal e se não tivesse o lobo na natureza não ia existir o ciclo da vida, só ia ter bichos herbívoros aí ia acabar o mato e eles iam morrer”; “A2: É, porque é carnívoro e não tem muitos animais que são iguais a eles, então a natureza ia acabar e não ia mais ter bichos”.



Nessas respostas os participantes buscaram explicar porque o lobo é importante na natureza, apresentando justificativas plausíveis, apesar de muitos lobos serem onívoros como o lobo-guará e não somente carnívoros. As respostas nos levam a refletir sobre a importância do equilíbrio em uma cadeia alimentar. Afinal, um ser vivo depende do outro para obter alimento na natureza, os herbívoros dependem das plantas, os carnívoros dos herbívoros, além disso, temos os decompositores e a energia solar que beneficiam todos os níveis tróficos. Lembrando que a falta de um recurso acaba comprometendo todos os níveis tróficos como o aluno mesmo afirmou (Ricklefs, 2003). Essas crianças já conseguem perceber que um ser vivo depende do outro na natureza para sobreviver. Esses conhecimentos, geralmente são trabalhados em ecologia no sexto ano do ensino fundamental, envolvendo cadeia e teia alimentar. Contudo, a ecologia deve ser trabalhada já na educação infantil e anos iniciais, uma vez que a mesma contribui muito na formação das crianças e quanto antes iniciado o processo, maiores chances de melhores resultados.

Referente à pergunta existem lobos nas matas, os participantes apresentaram respostas nas quais identificamos o indicador de justificativa: “A4: os lobos existem na floresta para proteger a floresta dos humanos para não derrubar as árvores”; “A5: existe porque lá tem água pra eles beber e comida”; “A6: sim, porque foram criados lá e o lugar de viver deles é lá”. Nessas respostas os participantes justificam que os lobos existem nas florestas para proteger a mesma contra o desmatamento realizado pelos humanos; por conta dos recursos presentes nela; e por fim, porque a floresta é o hábitat dos lobos. Com isso, quando trabalhado em sala de aula o hábitat dos animais, é importante ressaltar para as crianças sobre a necessidade dos animais viverem em seus habitats naturais, pois assim, seu nicho ecológico é mais facilmente administrado e com isso, alimento, abrigo, reprodução e demais recursos tendem a ser alcançados com maior facilidade, quando esses se encontram em seus devidos locais.



Ainda, referente ao lobo, os participantes foram questionados se os mesmos existem na cidade. Encontramos o indicador de justificativa novamente nas seguintes respostas: “A7: não, porque na cidade não tem animais para eles comer”; “A8: não porque ele gosta de viver na mata e pode comer nós, é carnívoro”; nessas respostas os participantes buscam justificar os motivos pelos quais o lobo não vive na cidade, com isso, acreditamos que mais uma vez o indicador de justificativa se fez presente.

Ao ter estas oportunidades com os alunos, é importante nessa fase escolar dos anos iniciais do ensino fundamental o professor estar atento, pois não há um professor específico para trabalhar a ciência. Cabe então, a esse professor polivalente trabalhar essas características dos animais em sala de aula, no intuito de desmistificar visões fragmentadas e errôneas, demonstrando que o lobo e os demais animais desempenham funções importantíssimas na natureza e que nós precisamos deles. Momentos como esses, são excelentes oportunidades ao professor para desenvolver a temática em questão e oportunizar uma Alfabetização Científica para o respeito com todas as espécies e a importância de todas elas no equilíbrio do planeta.

5 CONCLUSÃO

A literatura infantil consiste em uma atraente e versátil ferramenta de ensino, podendo ser explorada em todas as áreas do conhecimento, sob diferentes enfoques e objetivos, incluindo como uma das alternativas o Ensino de Ciências para promover a Alfabetização Científica nos anos iniciais.

Por meio da nossa investigação, foi possível perceber que há um desconhecimento sobre outras versões contadas da história infantil Chapeuzinho Vermelho e que estas fábulas contribuem para os estereótipos sobre os animais, necessitando o professor estar atento e reforçando a necessidade de trabalhar em sala de aula temas como a estereotipação destes personagens animais, correlacionando com os animais da fauna brasileira.



Verificou-se que a concepção apresentada pelas crianças, referente ao personagem lobo é fortemente influenciada pelos contos infantis. As crianças acreditam que o personagem lobo é vilão, principalmente pelo fato de ser carnívoro. Nesse contexto, acreditamos que uma alternativa possível para modificar essas visões fragmentadas, é utilizar-se do exemplo do nosso lobo-guará presente na fauna brasileira. O lobo-guará atuando como personagem desses contos clássicos, possibilita uma nova abordagem em sala de aula, podendo ser um caminho para promover a Alfabetização Científica por meio de sua ecologia, hábitat, nicho ecológico e características em geral.

A pesquisa dos indicadores de Alfabetização Científica mostrou que quando é oportunizado aos alunos momentos de questionamento acerca da história contada, ainda que não tendo sido realizada uma abordagem metodológica maior, as crianças procuram refletir, justificar e explicar tais situações ocorridas na história e confrontam com conhecimentos já adquiridos. Dessa forma, tal situação sinaliza que o professor ao valer-se destes contos e preparar uma sequência didática para ser trabalhada a espécie em questão, ou mesmo valorização e preservação dos animais, estes alunos possuem condições de desenvolverem habilidades importantes, como refletir ambientalmente e com isto, ampliarem seus conhecimentos ou mesmo modificar estereótipos construídos.

Desta forma, a inclusão da alfabetização científica, já nos anos iniciais do ensino fundamental, seja por meio da literatura infantil, ou por meio de outra ferramenta, é imprescindível para alcançarmos melhores resultados, principalmente se esta continuar a ser trabalhada nos demais níveis de ensino, pois assim estaremos potencializando o aprendizado de nossos alunos, de maneira gradual. Assim, possibilitando aos alunos realizarem associações e ampliarem seus conhecimentos científicos, visando superar concepções fragmentadas da ciência, pois este aluno já terá na sua infância um conhecimento base que o auxiliará a entender melhor a complexa “linguagem da natureza”.



REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. A. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. *In*: AQUINO, J. G. (ORG.). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summum, 1998. p. 11-30.
- ANTOGLA, D. C. **A articulação entre a literatura infantil e o ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2014, 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, 2014.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. [S.l.]: Ed. Paz e terra, 2002. 335p. Disponível em: http://fernandomaues.com/noigandres/textos/ensino/a_psicanalise_dos_contos_de_fadas.pdf. Acesso em: 19 ago. 2022.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 2010.
- BREUNIG, E. T. **Clássicos da literatura infantil sob o olhar do ensino**. De ciências: uma proposta para os anos iniciais. 2020. 310 p. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2020.
- CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 89-100, jan./abr. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000100009. Acesso em: 20 fev. 2023.
- FELIPE, J. **O lobo mau que é bom: a re-versão do mito nas histórias infantis**. 2007. 92 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2007.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- MACHADO, G. V.; FONSECA, C. C.; NEVES, M. T. Topografia do cone medular no lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus* Illiger, 1815). **R. bras. Ci. Vet.**, v. 9, n. 2, p. 107-109, mai./ago. 2002. Disponível em: <file:///C:/Users/User1/Downloads/7548-31546-1-PB.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2022.



MELGAÇO, I. C. P. **Ética animal no ensino de ciências e biologia: uma análise de livros didáticos da educação básica.** 2015. 132 f. Tese (Doutorado em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2015.

MONDEK, S. A.; ROCHA, Z. F.; LIMA, J. P. Serões de dona benta monteiro lobato e o ensino de ciências. **REnCiMa**, São Paulo, v. 10, n.1, p. 184-193, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/User1/Downloads/1365-6622-1-PB.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2022.

OLIVEIRA, H.T; FIGUEIREDO, A.N; TULLIO, A. **Educação ambiental para a conservação da biodiversidade: animais de topo de cadeia.** São Carlos: Diagrama Editorial, 2016.

RICKLEFS, R. E. **A Economia da Natureza.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

SASSERON, L. H.; CARVALHO, A. M. P. Almejando a alfabetização científica no ensino fundamental: a proposição e a procura de indicadores do processo. **Investigações em Ensino de Ciências**, [S.l.], v. 13, n. 3, p. 333-352, dez. 2008. Disponível em: <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/445>. Acesso em: 14 dez. 2023.

SASSERON, L.H; CARVALHO, A.M.P. Alfabetização científica: uma revisão bibliográfica. **Investigações em Ensino de Ciências**, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 59-77, mar. 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/844768/mod_resource/content/1/SASSERON_CARVALHO_AC_uma_revis%C3%A3o_bibliogr%C3%A1fica.pdf. Acesso em: 14 dez. 2023.

SILVA, E.V. K. Quem tem medo do lobo mau? A representação do lobo em contos e recontos. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 97-113, jan./jun. 2015. DOI: 10.5216/lep.v19i1.39894. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/lep/article/view/39894>. Acesso em: 14 dez. 2023.

VARISE, E.M, et al. Revisão dos conceitos sobre a evolução bípede e aplicação na Fisioterapia. **Revista Neurociências**, [S.l.], v. 17, n. 3, p. 246-254, set. 2009. DOI: 10.4181/RNC.2009.17.246. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/8549>. Acesso em: 14 dez. 2023.

ZAMBON, S.A. **Reflexões sobre a construção estereotipada de heróis e heroínas das histórias infantis.** 2009. 109 f. Monografia (Especialização em



Educação Infantil e a Escola de Nove Pesquisas e Gestão do Cotidiano Escolar) -
Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

Recebido: 30-09-2023

Aceito em: 13-12-2023

